

SIMBOLIZAÇÃO E LITERATURA INFANTIL: VULTOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL N' *O ABRAÇO*, DE LYGIA BOJUNGA

Mônica Silva (ILEEL - UFU)

monica_mks@hotmail.com

Resumo: A obra da escritora Lygia Bojunga é conhecida por abordar temas incomuns à literatura infantil. Nota-se o lugar de destaque que a morte e a violência ocupam em seus escritos, sobretudo nos livros *O abraço* e *Nós três*. Para nossa análise, nos serviremos do primeiro título. *O abraço* traz a história de Cristina, uma menina que aos oito anos foi vítima de violência sexual enquanto passava férias com a família numa fazenda de Minas Gerais. Cabe ressaltar que na superfície do texto a palavra “estupro” não aparece inicialmente, embora fique insinuada logo na primeira página, interrompida na fala de Cristina: “[...] quando eu tinha oito anos eu fui estu... não, pera aí, vamos deixar isso pra depois”. No lugar do termo aparecem metáforas como “o abraço”, “o escuro” e “um crime”. A forma como a autora aborda o assunto reforça nossa posição de que não há necessidade de excluir da literatura infantil temas “espinhosos”, já que o texto literário se configura como um lugar de simbolização de si e do mundo. Nesse sentido, pretendemos analisar as construções metafóricas relativas à violência sexual presentes na obra, partindo do pressuposto de que tais construções permitem vários níveis de leitura. Objetiva-se ainda discutir a função estética do espaço onírico n' *O abraço*, uma vez que, em sonhos, o “brincar de abraço” aparece para a protagonista como uma possibilidade de elaboração da violência sofrida.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Lygia Bojunga; Violência; Simbolização.

Impossível iniciar uma abordagem do livro *O abraço* sem confessar a impressão de uma leitura pontilhada de tensões, que nos desce atravessada pela garganta. O tema do estupro, a narrativa em primeira pessoa entrecortada pelos deslocamentos típicos de uma memória traumática, a confusão de sentimentos da protagonista, tudo parece compor uma atmosfera propositadamente indigesta.

A obra de Lygia Bojunga Nunes é famosa por apresentar questões raramente enfocadas na literatura infantil. Importa destacar que em muitos de seus livros, sobretudo nas edições mais recentes, a autora parece evitar os rótulos de “literatura infantil” ou “juvenil” (tendo em vista que é a própria Lygia Bojunga quem edita suas obras). No caso d' *O abraço*, encontramos na ficha catalográfica apenas a classificação de Romance Brasileiro.

É provável que essa fuga ao rótulo esteja ligada à polêmica em torno dos critérios que definem uma literatura apropriada para crianças e adolescentes. Sabemos que as imposições do mercado para a produção de livros infantis e juvenis passam pela

interdição de certos conteúdos, considerados “pesados” para o público a que se destinam.

O caráter movediço do debate deve-se aos interesses que permeiam o rótulo *literatura infantil* desde a sua criação. Isso porque a literatura infantil nasce de uma nova visão de infância, cunhada no século XVIII, segundo a qual a criança não se limita a adulto em miniatura, mas passa a ser entendida como um ser frágil e inexperiente, que precisa ser educado para a vida em sociedade.

Com o objetivo de criar uma literatura específica para estes fins, o escritor francês Charles Perrault apropria-se de antigas narrativas folclóricas, às quais confere nova roupagem, excluindo temas como a morte, os crimes e as desigualdades sociais. A partir dos contos populares Perrault compõe o livro *Histoires ou Contes Du Temps Passé avec des Moralités*. Já no título da obra Perrault manifesta seu propósito de transmitir às crianças os princípios morais que a sociedade de seu tempo julgava adequados à vida civilizada. Assim, o escritor francês funda a tradição de uma literatura infantil cuja base será a formação moral das crianças e a idealização das sociedades humanas.

Para Michèle Petit, “não é somente um reconhecimento de si que a literatura permite, mas uma mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade e talvez uma educação dos sentimentos”. (2009, p. 110) Quando pensamos na literatura infanto-juvenil ligada a uma “educação dos sentimentos”, como defende a antropóloga francesa, estamos pensando não numa pedagogia do sentir, num manual de comportamento disfarçado de literatura. A educação dos sentimentos de que nos fala Petit está mais para aquela pedagogia da vida a que Antonio Candido chama “educação por altos e baixos”. Não se trata de doutrinar, de impor ou proibir temas, mas de permitir que o leitor tenha na literatura as possibilidades de escolha que caracterizam a própria vida.

Não é difícil perceber que, seguindo os passos de Perrault, muito da atual literatura infantil ainda preza pela representação utópica da vida. Contudo, alguns autores procuram quebrar essa tradição, dentre os quais está Lygia Bojunga.

Assim, tomamos como elemento central para a compreensão da obra da autora não os temas em si, mas a forma como eles são abordados. A maneira como Bojunga explora o olhar indireto da literatura sobre o mundo, servindo-se do trabalho estético e lúdico com as palavras, logo nos convence de que não há motivo para excluir dos textos infanto-juvenis temas considerados “espinhosos”, afinal, “a literatura continua sendo um espaço privilegiado para a discussão de assuntos que extrapolam o meramente convencional” (Lotterman, 2006, p. 27).

Assim, analisamos no livro *O abraço* as construções metafóricas relativas à violência sexual, partindo do pressuposto de que tais construções permitem vários níveis de leitura. Nos ocupamos, ainda, da função estética do espaço onírico n' *O abraço*, uma vez que, em sonhos, o “brincar de abraço” aparece para a protagonista como uma possibilidade de elaboração da violência sofrida.

SIMBOLIZAÇÃO NO SONHO E NO BRINCAR DE ABRAÇO

Escrito em 1995, *O abraço* traz a história de Cristina, uma menina que fora vítima de violência sexual aos oito anos, enquanto passava férias com a família numa fazenda de Minas Gerais. É a própria Cristina que assume a voz narrativa e, depois de adulta, recompõe os fatos numa tentativa de elaboração do trauma. Para isso, ela estabelece interlocução com uma Lygia Bojunga que se faz personagem e confidente de sua protagonista. Cabe lembrar que esse narratário não se confunde com o autor empírico, de modo que não é para a escritora Lygia Bojunga que Cristina desabafa, mas para um simulacro de criadora-confidente, construído por puro efeito de linguagem.

Observamos que na construção da narrativa a palavra “estupro” é evitada a princípio, embora logo na primeira página fique insinuada na fala de Cristina: “Bom, acho melhor eu te contar de uma vez que quando eu tinha oito anos eu fui estu... não, pera aí, vamos deixar isso pra depois” (Bojunga, 2005, p. 07). No lugar do termo, aparecerão ao longo do texto algumas metáforas que, além de deixarem o leitor em suspensão, permitem diferentes níveis de leitura: “o escuro”, “um crime”, “o arrombamento do corpo” e, principalmente, “o abraço”. O próprio agressor também passa por um processo de metaforização, o que em certa medida consegue suavizar o tema. Cristina nomeia esse agressor de Homem d'Água, já que dele viu primeiro o reflexo nas águas do rio, e teve “a impressão de que ele era um homem feito de água”. (idem, p. 23)

Tais metáforas se constituem enquanto processos de simbolização na medida em que agenciam o inenarrável, uma memória traumática que até então não penetrara nos domínios da linguagem. Cristina nunca conseguira traduzir esse trauma em palavras. Mas a vontade de “comer jabuticaba” que lhe fez escapar às indagações preocupadas de parentes e amigos quando tinha oito anos, já não serve de evasiva à Cristina adulta. Ela precisa quebrar o silêncio: “Eu preciso te contar. Não dá mais pra ficar trancando essa coisa toda dentro de mim. Por mais que eu tenha resolvido não falar disso com ninguém, não dá mais pra ficar quieta [...]” (idem, p. 7).

Ainda que essa memória não tenha conseguido converter-se em linguagem durante boa parte da vida de Cristina, ela “pensava dormindo, quer dizer, sonhando, e quando a gente pensa sonhando o pensamento vira do lado avesso, não é? Então, em vez do Homem d’Água, era a Clarice que eu encontrava nos meus sonhos” (idem, p. 35).

Clarice era uma amiga de infância de Cristina que desaparecera quando ambas contavam sete anos de idade. Num dos muitos sonhos em que aparece para a amiga, Clarice revela ter sofrido a mesma violência que a amiga, mas não sobrevivera. Esse motivo, somado às características físicas de Clarice, semeia no leitor uma dúvida: não será Clarice o próprio reflexo de Cristina, projetado numa terceira pessoa como estratégia inconsciente para superar o trauma?

Como afirma Lotterman (s/d), na obra bojunguiana “os sonhos são fundamentais na trajetória das personagens, na compreensão da morte e na estrutura narrativa”. No plano onírico, o “brincar de abraço” aparece como uma possibilidade de elaboração da violência sofrida. Clarice ajuda a amiga a perceber e a inventar outros tipos de abraço, para além daquele “abraço criminoso” em que ela morreu. Destacamos algumas passagens em que Cristina descreve esse “brincar de abraço”:

Quando ele é abraço de feliz aniversário, de feliz ano-novo, ele abraça assim, ó. – E me abraçou – Quando ele é abraço de amor ele abraça assim, ó. E aí me abraçou com tanta força que caiu da cadeira e a gente morreu de rir. E desse sonho pra frente a gente começou a brincar de abraço.

[...]

O abraço estava sempre presente, era só a gente começar a brincar que eu já dizia: chama ele. E só de olhar o jeito que ela fazia o abraço chegando, eu já sabia que era sonho de brincar de médico, que era sonho de brincar dentro d’água, que era sonho de cavar a terra pra brincar de enterro. (Bojunga, 2005, p. 37-38)

Note-se que nesses “sonhos de abraço” sempre há uma sutil conotação sexual, além de outras imagens que remetem ao ocorrido com Cristina: “o brincar de médico”, “o brincar dentro d’água” e “o brincar de enterro”. No entanto, tudo é construído de forma velada, mais uma vez permitindo que diferentes leitores tenham diferentes níveis de interpretação, a depender de suas experiências individuais.

No último sonho, Cristina recebe da amiga “o abraço do não-perdão”, para que nunca esquecesse nem perdoasse o que lhe aconteceu:

E nunca mais eu sonhei com a Clarice. Nem com ela nem com o abraço.

O lado direito desse episódio da minha vida eu tinha esquecido logo depois que eu voltei da fazenda. Não sonhando mais com a Clarice, eu fui me esquecendo do lado avesso também. (idem, p. 41)

Assim, Cristina recalca o episódio até completar dezenove anos, quando vai a uma festa onde todos os convidados deveriam se fantasiar de personagens da literatura brasileira. O grupo de Cristina decide representar *O abraço*, mas, curiosamente ninguém “quis ser a Morte”.

Para salvar a cena, uma mulher mascarada se propõe a fazer o papel rejeitado. Essa mulher desperta a curiosidade de Cristina, e diante da insistência desta para descobrir sua identidade, a mulher responde: “[...] que diferença faz se eu sou a Clarice-tua-amiga-de-infância-que-um-dia-saiu-de-casa-e-nunca-mais-voltou, ou se eu sou a Clarice-que-se-fingiu-de-morta, ou se a Clarice-que-botou-a-boca-no-mundo [...]” (idem, p. 66-67).

Disso podemos inferir que, além de personificação da Morte, a mulher mascarada pode ser lida como a representação de todas “as Clarices”, todas as vítimas de violência sexual. Podemos ainda ver nessa mulher o prenúncio da morte de Cristina, sentido que o leitor só recupera no desfecho do enredo, quando a protagonista morre “numa gravata cinzenta”, castigada por haver perdoado o crime.

Rico em simbolizações, *O abraço* demonstra o poder da narrativa literária de nos deslocar para “nos instalar em nós mesmos” (Petit, 2009, p. 115). Através das construções metafóricas, Bojunga nos abre um universo de possibilidades de leitura, que certamente não se restringe aos limites superficiais de faixa etária.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **O abraço**. 5ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

LOTTERMAN, C. **A morte metafórica na obra de Lygia Bojunga**. Revista Trama ano 2, n. 3. p. 27-37 jan. 2006.

PETIT, Michèle. A simbolização e a narrativa: poderes e limites. In: **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthir Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.